

**APONTAMENTOS SOBRE O ENSINO  
DE LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO EGITO**

*Maged Talaat Mohamed Ahmed Elgebalý*  
(Univ. de Aswan – Egito)  
[totankamoun2000@yahoo.com](mailto:totankamoun2000@yahoo.com)

**RESUMO**

Em 2014, criamos o primeiro departamento de língua portuguesa nos países árabes na Universidade de Aswan para formar egípcios com habilitação em língua portuguesa e suas letras. Apresentaremos nossa experiência no ensino de literaturas de língua portuguesa nesse departamento, refletindo sobre o papel das aulas de literatura no desenvolvimento intelectual, emocional e social na personalidade dos estudantes da periferia egípcia. Também, analisaremos os problemas encontrados no ensino da leitura de textos literários e da história das literaturas de língua portuguesa e discutiremos a metodologia usada no ensino dessas literaturas.

**Palavras-chave:** Ensino de literatura. Literaturas de língua portuguesa. Egito.

**1. Considerações iniciais**

O Departamento de Língua Portuguesa da Universidade de Aswan foi criado em 2014 para formar egípcios com habilitação em língua portuguesa e suas letras. Ele conta até o presente momento com 20 estudantes, curiosamente quase todos são mulheres: 12 alunos no primeiro ano e 8 alunas no segundo ano. O curso é de quatro anos letivos, 8 semestres ao final dos quais os estudantes obterão o título de licenciado em língua portuguesa e suas letras. O departamento se orgulha por ser um espaço de diálogo entre várias culturas.

A criação do departamento de língua portuguesa não foi tarefa fácil na atual situação política do Egito, que tende a tecer mais laços com Europa e Estados Unidos. Por isso, enfrentamos certos discursos que dificultam a criação do departamento, como:

- 1- "A língua portuguesa é uma segunda língua subordinada ao departamento de língua espanhola, como é a situação da Universidade de Ain Shams e outras universidades árabes".

Essa situação deriva da falsa crença popular de que a língua portuguesa é um dialeto da língua espanhola.

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

- 2- "A língua inglesa é suficiente para a comunicação entre os árabes e a Comunidade dos Países Falantes de Língua Portuguesa".

Na verdade, nos países da CPLP, a população não domina a língua inglesa e essa língua fica como um filtro que não transmite de modo natural as memórias culturais de nossos povos e seus sonhos. Durante o processo de estabelecimento do departamento em Aswan, superamos esses discursos destacando a relevância dessa língua na atual conjuntura mundial e a necessidade do seu ensino para melhor comunicação entre os Países Árabes e a CPLP. Esperamos poder continuar por esse caminho futuramente.

### 2. *Ensino da língua portuguesa para egípcios*

No primeiro ano do curso, como é o contato inicial do aluno com a nova língua, ensinamos o português em variadas disciplinas: gramática, conversação, leitura de textos, redação. Usamos no Departamento o livro *Falar, Ler, Escrever* de Emma Eberlein e Samira Iunes que se adequa ao modo de aprendizagem com o qual está acostumado o aluno egípcio por ser estrutural comunicativo. O livro é complementado com a Gramática Ativa (I e II) de Isabel Coimbra e Olga Mata Coimbra, versão adaptada ao Português Brasileiro por Lamartine Bião Oberg. Esses livros são complementados com atividades de maior interação nas tarefas comunicativas usadas na sala de aula com materiais autênticos.

Nos níveis iniciais e elementares, os estudantes enfrentaram certos problemas linguísticos:

No nível fonético, os alunos não faziam distinção entre o *b* e o *p*. Ambos são fonemas de mesmo ponto e modo de articulação, mas o *p* não faz parte da língua árabe. Exemplos de erros dos alunos são: *núpio* no lugar de *núbio* ou *combrar* no lugar de *comprar*. Também foram constatados problemas na distinção entre as vogais abertas e fechadas e na pronúncia dos sons nasais, ausentes também na língua árabe. Contribuem também para esses problemas interferências da língua inglesa e francesa. Alunos com conhecimento prévio de língua italiana não apresentaram problemas com as vogais, visto que o português e o italiano apresentam maior semelhança nesse aspecto (exceto os sons nasais).

No nível morfosintático, os alunos também apresentaram problemas na aprendizagem do gênero das palavras, especialmente quando terminam em *-e*, *-gem*, ou em ditongo nasal. Não todos os problemas en-

frentados pelos alunos a que ver apenas com a interferência da língua materna (o árabe), mas ocorreram também outros tipos de problemas com a interferência da língua estrangeira inglês. O inglês interfere na posição de adjetivo antes do substantivo, então casos como *Aswan é bonita cidade* foram frequentes, por exemplo.

No nível semântico, os problemas se deram devido ao fato de os estudantes terem desenvolvido na sua educação fundamental e secundária uma mentalidade monosêmica, na qual uma forma tem um significado só, e um significado tem uma só forma de expressá-lo. Durante as oficinas de leitura, mostramos como um significado pode ser expresso por variadas formas e como uma forma pode ter variados sentidos dependendo do contexto e da situação comunicativa. Assim, pretendemos passar de uma mentalidade monosêmica a uma mentalidade polisêmica na interpretação dos textos.

Nem todos os problemas dos alunos são linguísticos, há outras questões relacionadas com a aprendizagem e a comunicação. Quando o estudante termina o primeiro livro da *Gramática Ativa I* e metade do livro *Falar, Ler e Escrever*, já começa a ter um nível que oscila entre o elementar e o intermediário, o que nos permite começar a ensinar as literaturas de língua portuguesa. Os estudantes começam, portanto, a ter contato direto com as disciplinas de literatura a partir do segundo ano letivo, o terceiro semestre do curso.

### **3. Ensino das literaturas de língua portuguesa**

A literatura consta no currículo do curso basicamente nas disciplinas de *Leitura de Textos* e *História da Literatura*, que visam desenvolver a competência literária dos estudantes. Na disciplina *Leitura de Textos* trabalhamos com os tipos e os gêneros textuais. Inicialmente, procuramos ensinar os tipos textuais, como a descrição, a narração e a argumentação. Na disciplina *História da Literatura* estudamos diferentes épocas da história da literatura portuguesa, brasileira e aspectos das literaturas africanas, da idade média até a contemporaneidade. Em cada etapa, o aluno aprende as principais características da época, os autores relevantes e as obras canônicas de cada época. Também, tentamos dedicar aulas específicas para questões teóricas conceituais e técnicas, como as figuras da linguagem, as técnicas da poesia e da pintura, as da narrativa e do cinema e as do drama e do teatro. Ao decorrer da análise literária de textos esco-

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

lhidos pelos próprios alunos de uma lista sugerida pelo programa de es-  
critores, vamos apresentando as questões teóricas da crítica literária.

No desenvolvimento dessa competência enfrentamos vários desa-  
fios. Um dele é que o estudante, tomado pelo pensamento pragmático,  
sempre espera aprender algo que possa usar como ferramenta de traba-  
lho. Por isso, ao início, despreza a reflexão literária. Aos poucos, começa  
a sentir o gosto da experiência literária e sua relevância para a compreen-  
são da sua realidade.

Também, por serem falantes não nativos da língua portuguesa, os  
estudantes egípcios têm problemas na compreensão da terminologia lite-  
rária em geral e dos conceitos da história da literatura luso-brasileira em  
especial. Também, por isso começamos o ensino da literatura apresen-  
tando as principais técnicas operadoras na leitura dos variados gêneros li-  
terários (narrativa, poesia, drama, etc).

Inicialmente, o estudante egípcio questiona as diferenças culturais  
na literatura e se confronta com diversos modos de percepção dessas di-  
ferenças. Muitas vezes são questionadas na sala de aula temas de gênero,  
como o tipo de vestimenta da mulher, as relações sociais da mulher e seu  
papel na sociedade. Também, são criticados os olhares eurocêntricos so-  
bre os árabes, os negros e os índios, promovendo um pensamento crítico  
e de aproximação da diversidade cultural e do pensamento existente em  
ambos os lados do atlântico. No decorrer dessas aulas com temas polê-  
micos, procuramos criar um ambiente agradável e aconchegante, com pe-  
tiscos, café ou chás, para atenuar as tensões que podem surgir e incenti-  
var a experiência positiva da discussão acadêmica.

Também enfrentamos o fato de que os estudantes chegam ao cur-  
so sem conhecimento dos principais acontecimentos da história mundial  
e, especialmente, aqueles que influenciaram a literatura luso-brasileira  
contemporânea, tal como o movimento de contracultura, ou, por exem-  
plo, as consequências da primeira e da segunda guerra mundial. Por essa  
razão, tentamos valorizar bem mais a literatura como uma porta de entra-  
da para os alunos conhecerem o próprio contexto social em que estão in-  
seridos. Na medida que vamos introduzindo um repertório de variadas re-  
ferências históricas, nossos estudantes vão deixando de considerar o re-  
pertório islâmico como o único no mundo para produzir um olhar plural  
e crítico, que considere as diferenças culturais e se alimenta desta diver-  
sidade.

Nesse sentido, recorreremos à estratégia das excursões a variados lugares históricos no Egito, fora do espaço habitado do estudante, o que representou um avanço na ampliação do repertório dos estudantes.

Outra estratégia que utilizamos foi promover visitas de nativos da CPLP para desenvolver atividades culturais e de pesquisa com os estudantes. Ao mesmo tempo, organizamos a I e II Jornada de Língua Portuguesa. A primeira foi em 2015 com a visita do Prof. Dr. Benjamin Abdala Junior, que falou sobre as fronteiras múltiplas na literatura. A segunda foi em 2016, com a visita do Prof. Dr. José Clécio Quesado, que nos falou sobre aspectos gerais da literatura portuguesa. No mesmo ano, organizamos oficinas de leitura com o escritor Habib Zahra e a artista plástica e ilustradora Valeria Rey, que nos apresentaram seus livros *O Burro Er-rante* e *O Último Golpe do Lobo Mau*.

A ampliação desse repertório e o desenvolvimento da experiência intercultural permite aos estudantes superar o olhar fragmentário e começar a se apropriar de uma abordagem holística da realidade a partir de uma ótica que considera as novidades das ciências humanas e sociais. Benjamin Abdalá Júnior (2012) destaca:

A historiografia assim entendida não se volta apenas para o que já foi, mas recupera a memória em seu processo para projetá-la para o futuro. Este, para Ernst Bloch, afigura-se como um princípio esperança (BLOCH, 1976), uma forma de utopismo ontológico onde o homem, ativo e inquieto, sente-se deseioso de aperfeiçoamentos futuros.

Assim, com o ensino e a aproximação dos processos históricos das literaturas de língua portuguesa, vemos nascer no estudante a desconstrução gradual das religiosidades fechadas, o desenvolvimento de di-álógos internos entre a cultura secular e a religiosa e o pensamento crítico das tradições das gerações mais velhas; a abertura às diferenças culturais e a reflexão intercultural sobre sua realidade, seu corpo e os contrastes sociais. Dessa maneira, o contato dos alunos egípcios com as literaturas de língua portuguesa apresenta uma reinterpretação dos valores éticos e estéticos da sua realidade.

Cabe ressaltar que os alunos desenvolveram, a partir das aulas da história das literaturas de língua portuguesa, uma série de reflexões sobre as questões de gênero e do papel da mulher na sociedade. E essas reflexões literárias participam, portanto, do desenvolvimento emocional e social da personalidade dos estudantes. Nesse sentido, o professor Benjamin Abdala Júnior (2012) afirma:

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

A história da literatura deve ser vista, entendemos, nessa plurivocidade discursiva, com relatos entrecortados, conflituosos, como matéria voltada para o antes que pode vir a ser o depois. No enovelado de linhas que se embarcam, torna-se necessário se buscar ainda intersecções e confluências com conjuntos de outros repertórios, sem perder a especificidade do modo de se conhecer a realidade que vem da literatura.

### **4. *Avaliação dos estudantes***

Como prática das instituições universitárias egípcias, no final de cada semestre, os estudantes são submetidos a provas. Buscamos, no nosso departamento, elaborar avaliações que possam explorar o conhecimento do aluno sobre os conceitos históricos e literários, com perguntas de análise e de crítica e que impliquem a relação entre as ideias. Na disciplina de interpretação de textos, no primeiro ano, a prova foca nas habilidades gerais de compreensão textual como a identificação do tema e a conexão entre as ideias. A partir do segundo ano, a prova tem outra parte, que foca na compreensão de um gênero literário como a poesia, a narrativa e o drama e o conecta a outras linguagens da arte. A disciplina história das literaturas de língua portuguesa tem uma prova própria e varia entre perguntas dissertativas e perguntas de múltiplas escolhas.

### **5. *Considerações finais***

Ao longo do nosso relato, mostramos aspectos do ensino da língua portuguesa e de suas literaturas no curso de línguas do Departamento de Língua Portuguesa na Universidade de Aswan, no Egito. Essa experiência nos mostrou variados tipos de diálogos interculturais. Temos o diálogo não somente entre as literaturas de língua árabe e as literaturas de língua portuguesa, mas também entre as literaturas nacionais e regionais da CPLP e seus cânones literários legitimados. Nesse diálogo, emerge a problematização da canonização literária no currículo, mas surge também o diálogo entre literaturas de língua portuguesa e literatura Iberoamericana, entre literaturas de língua portuguesa e outras literaturas do continente americano, europeu e asiático. Todo esse processo apresenta o potencial de conduzir a formação de novos leitores das literaturas de língua portuguesa em espaços inéditos e promissores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. Literaturas em língua portuguesa: histórias e estórias. *Matraga*, Rio de Janeiro, vol. 19, p. 10-24, 2012.

COIMBRA, Isabel; MATA, Olga. *Gramática ativa 1 e 2: versão brasileira segundo o novo acordo ortográfico*. Lisboa: Lidel, 2011

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2007.

LIMA, Emma Eberlein Oliveira Fernandes; IUNES, Samira Abirad. *Falar... ler... escrever... português: um curso para estrangeiros*. São Paulo: Ed. Pedagógica Universitária, 1999.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. *Falar... ler... escrever. Um curso para estrangeiros*. São Paulo: Ed. Pedagógica Universitária, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. Trad.: Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005.

MONTEIRO, Pedro Meira. (Orgs.). *A primeira aula. Trânsitos da literatura brasileira no estrangeiro*. São Paulo: Itaú Cultural, 2014.

NICOLA, José de. *Painel da literatura em língua portuguesa*. São Paulo: Scipione. 2011.

SAID, Edward, *Orientalism*. London: Penguin, 1978.

\_\_\_\_\_. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

TAKAHASHI, Neide Tomiko. *Leitura literária em português-língua estrangeira (PLE) no Brasil: representações, compreensão e produção textual*. 2015. Tese (de Doutorado). – FFLCH/USP, São Paulo.

\_\_\_\_\_. *Textos literários no ensino de português-língua estrangeira (PLE) no Brasil*. 2008. Dissertação (de Mestrado). – FFLCH/USP, São Paulo.

ZAHRA, Habib; REY, Valéria. *O burro errante*. Recife: Cubzac, 2012.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. *O último golpe do lobo mau*. Recife: Cubzac, 2014.